



2nd International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

O Cooperativismo na Democratização do Capitalismo: Desempenho dos Segmentos de Negócios *Cooperativas de Crédito e Bancos*

José Antonio DE FRANÇA

Universidade de Brasília

franca@itecon.com.br | ORCID: 0000-0002-8233-3620

Gina Oka Prado

Universidade de Brasília

gina-oka@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta resultados de pesquisa empírica que analisa a produtividade e o desempenho dos segmentos de negócios *Cooperativas de Crédito e Bancos*, no Brasil, a partir da produtividade das operações, no horizonte 2014 a 2018, com o objetivo de avaliar em qual dos dois segmentos a produtividade e o desempenho são maiores, bem como a contribuição do Cooperativismo para a democratização do capitalismo. O Cooperativismo, como uma das âncoras da economia social, é um segmento de negócio híbrido porque atende simultaneamente os requerimentos do segundo e do terceiro setores da economia. A metodologia de pesquisa é positivista, não-paramétrica, e utiliza indicadores de produtividade por correntista, produtividade por operação e produtividade por segmento, com métricas de desempenho em cada segmento de negócio. A amostra é composta pelas 50 maiores cooperativas de crédito e pelos 50 maiores bancos, classificados pelo critério de valor do ativo de cada instituição, que representam 28,5% e 89,2% do ativo agregado de cada segmento, respectivamente. Os resultados obtidos trazem robustas evidências de que o segmento de negócio *Bancos* opera com maior produtividade do que o segmento de negócio *Cooperativas de Crédito*, mas em sentido oposto, o desempenho do segmento *Cooperativas de Crédito* é maior do que o desempenho do segmento *Bancos*. Este paradoxo de que a menor produtividade gera maior desempenho resulta dos benefícios da menor estrutura operacional e da gestão compartilhada do Cooperativismo que se apresenta como uma das alternativas para democratização do capitalismo. Acredita-se que as contribuições da pesquisa sejam relevantes para literatura e, ainda, que críticas possam ser incorporadas para mitigar limitações e auxiliar investigações futuras sobre a abrangência e importância do tema.

Palavras-Chave: Democratização do capitalismo. Desempenho e produtividade. Cooperativismo de crédito. Gestão compartilhada de negócios.



1. INTRODUÇÃO

Este artigo avalia resultados de pesquisa empírica que analisa o desempenho dos segmentos de negócios *Cooperativas de Crédito e Bancos*, no Brasil, a partir das respostas de indicadores de produtividade, no horizonte 2014 a 2018, no contexto de democratização do capitalismo, utilizando metodologia positivista.

O cooperativismo, como uma das âncoras da economia social, é um segmento de mercado e ao mesmo tempo híbrido, porque uma parte das operações atende os requerimentos do terceiro setor, sem finalidade de lucros, quando os atos são praticados com cooperados, e a outra parte atende os requerimentos do mercado, segundo setor, quando os atos se materializam com não cooperados (Cace, Arpinte, Scoican, Theotokatos & Moumalatsou, 2010). O segmento ou setor *Bancos* é integralmente imerso no mercado. A partir deste parágrafo as terminologias segmento e setor são utilizadas como terminologias análogas.

Por exercitar gestão compartilhada de negócios, o Cooperativismo se apresenta como um dos movimentos de integração de pessoas, com objetivos comuns, e com um dos instrumentos de democratização do capitalismo. Neste contexto, as primeiras cooperativas tiveram assento a partir dos séculos XVIII e XIX, na Escócia (1761), em Rochdale, Inglaterra, (1844) e em Minas Gerais, Brasil, (1889) como registrado pela literatura em ICA (2020), Polônio (2004) e Sistema OCB (2020). A democratização do capitalismo converge da gestão participativa ou compartilhada de negócios onde os resultados, socialmente, pertencem a todos os cooperados na proporção das transações que realizam. Deste modo o Cooperativismo é parte integrante do sistema capitalista, e dele não se dissocia, e pode contribuir para que o bem-estar seja mais coletivo, em benefício de todos, e é neste sentido que se argumenta a democratização do capitalismo.

Cooperativas de Crédito e Bancos, em termos societários, são instituições diferentes. Cooperativas de Crédito são sociedades de pessoas, enquanto Bancos são sociedades de capital, como difundido pela literatura. Esses dois conceitos societários produzem diferenças na forma de gestão de cada segmento institucional porque no segmento *Cooperativismo* o correntista é o cooperado ou sócio, com direito a voto que participa da gestão e sobre ela exerce influência na tomada de decisão. Um cooperado vale um voto, que é uma forma resiliente de compartilhar as decisões rumo à democratização do capitalismo. No segmento *Bancos* o correntista é mais uma pessoa física ou jurídica que é somente tomador e fornecedor de fundos, como argumentam Ferreira, Gonçalves e Braga (2007), Pina (2012) e Escher (2013).

As diferenças entre esses dois segmentos, *Cooperativas de Crédito e Bancos*, vão além da semântica conceitual, com relevância na forma de tributação direta e na distribuição de sobras econômicas ou resultados. Na forma de tributação direta o Estado brasileiro concede ao *Cooperativismo*, que inclui *Cooperativas de Crédito*, o benefício da desoneração tributária das sobras, sob a forma de renúncia fiscal, para os atos cooperados, e tributação normal, equivalente à das instituições do segundo setor ou mercado, para os atos não cooperados. Para os bancos, integrantes do segundo setor, é imposta uma carga tributária nominal direta sobre os resultados ou lucros, como uma das mais elevadas no Brasil. Na distribuição dos resultados ou sobras econômicas, às cooperativas é imposta a restrição de não fazê-lo sob pena de suspensão dos



2nd International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

benefícios da desoneração tributária, sendo permitida somente a distribuição de juros. Para os bancos a distribuição de lucro segue as regras legais e societárias de mercado.

A proposta do *Cooperativismo* é reunir pessoas para troca de bens e serviços e produzir ajuda mútua. Nesta perspectiva os negócios entre cooperados e cooperativas podem ser constituídos para explorar variados setores da economia, no contexto social, entre os quais se encontram o negócio financeiro, representado pelo crédito, que faz parte do objeto deste estudo. Essa proposta de negócio é um diferencial competitivo porque o cooperado é beneficiado com acesso ao crédito de menor custo e com o desempenho do negócio como abordam De Souza e Schmidt (2019).

O negócio *Cooperativismo de Crédito* vêm experimentando expansão a partir de meados da segunda década deste século XXI. Em 2018 com relação a 2017 o crescimento do número de cooperados foi da ordem de 9% superando a marca de 10 milhões, mostrando crescente inserção de pessoas no sistema financeiro, seguido pelo crescimento dos ativos totais que foi superior a 17%; as captações cresceram mais de 18% superando todo o sistema financeiro que ficou em torno de 3% (BACEN, 2018). Na geografia regional, com relação à quantidade de municípios beneficiados pelo cooperativismo de crédito, as maiores representatividades estão na Região Sul com 92% do total dos municípios; a Região Sudeste com 58%, e a Região Centro-Oeste com 56%. Com relação à população beneficiada pelo cooperativismo de crédito, a média Brasil é da ordem de 4,2% com destaque para a Região Sul com 15,6% e a Região Centro-Oeste com 4,8% de suas respectivas populações como mostra o relatório do SNCC1 (BACEN-SNCC, 2018).

O desempenho do segmento de negócio *Bancos*, pela diversidade de suas operações e conglomerados, não pode ser tomado, no todo, para efeitos comparativos com o segmento *Cooperativas de Crédito*. Assim, a pesquisa que sustenta este artigo observa o aspecto da atividade microcrédito produtivo orientado (MPO) como equivalente ao negócio *Cooperativas de Crédito*. Na atividade MPO, 59,9% do total da carteira foram destinados ao crédito rural e destes 7,6% foram para capital de giro (BACEN, 2019) que é também o destino do crédito ofertado pelas cooperativas de crédito.

Na continuidade da contextualização apresentada nos parágrafos precedentes, este artigo traz como motivação analisar, de forma comparativa, o desempenho das instituições financeiras no Brasil, no horizonte 2014 a 2018, com foco nos segmentos de negócios *Cooperativas de Crédito* e *Bancos*, a partir dos indicadores orientados pela Produtividade por correntista, Produtividade por operação, Produtividade por segmento, com o objetivo de avaliar em qual dos dois segmentos o desempenho e a produtividade são maiores, bem como a contribuição do Cooperativismo para a democratização do capitalismo. Para cumprimento desse objetivo é selecionada uma amostra composta pelas 50 maiores cooperativas de crédito e pelos 50 maiores bancos, pelo critério de ativo total, que representam, respectivamente, 28,5% e 89,2% do ativo agregado de cada segmento de negócio.

1 SNCC(sistema nacional de crédito cooperativo)



2nd International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

Espera-se que o resultado da pesquisa seja relevante para a literatura, por mostrar a importância do negócio *Cooperativismo de Crédito* na alavancagem da economia social, apresentando desempenho e produtividade superiores ao negócio *Bancos*, e sinalizando que o *Cooperativismo* pode ser um dos caminhos para democratização do capitalismo.

Para além desta seção introdutória o artigo está estruturado em mais cinco seções, sendo (2) *Características e evolução do cooperativismo* em que se discute o papel do negócio *Cooperativismo* iniciando pelos países da Europa e seguindo pelo Brasil; (3) *Contexto regulatório e desempenho das instituições financeiras no Brasil* em que são apresentados os principais reguladores e se discutem contribuições relevantes da literatura; (4) *O cooperativismo no contexto da democratização do capitalismo* em que se discute, no contexto da produção consumo e tecnologia, as contribuições do cooperativismo; (5) *Metodologia* que apresenta e especifica o modelo positivista de avaliação de desempenho por meio da produtividade; (6) *Análise dos resultados* em que são apresentados e discutidos os achados da pesquisa com utilização do modelo positivista aplicado ao dados da amostra; (7) *Conclusões* que resumem as principais evidências dos resultados da pesquisa, limitações e contribuições; e por último as *Referências*.

2. CARACTERÍSTICAS E EVOLUÇÃO DO COOPERATIVISMO

A literatura não é unânime no reconhecimento dos primórdios do cooperativismo. Rochdale, Manchester, em 1844, é acreditada pela formalização da primeira cooperativa na atividade de tecelões, mas outra parte da literatura credita esse pioneirismo a Fenwich, Escócia, em 1761 (ICA, 2020 Our History). Um século depois, em 1948, o Congresso de Praga caracterizou o cooperativismo como uma associação de pessoas com a finalidade de melhorar a atividade econômica e social dos seus associados, como argumentado por Polônio (2004).

Os ideais cooperativistas contemporâneos assemelham-se aos ideais difundidos pela *International Cooperative Alliance - ICA*, fundada em 1895 (Londres), cuja principal motivação, como uma organização da sociedade civil, consiste em difundir informação, defender princípios, promover integração, autonomia e desenvolvimento do cooperativismo global (ICA, 2020 MundoCoop). Estas ideias caracterizam o cooperativismo como um movimento econômico e social, economia social, em que a interação entre os agentes econômicos aspira a democratização do capitalismo.

Economia social é uma das terminologias caracterizadas por tipos de atividade econômica em que os benefícios são socialmente repartidos como ocorre nas entidades ditas sem finalidade de lucro, identificadas como organizações da sociedade civil ou terceiro setor, que reage à concentração do lucro que é própria do desenvolvimento do capitalismo industrial do século XVIII em diante (Cace, Arpinte, Scoican, Theotokatos & Moumalatsou, 2010).

No Brasil o sistema cooperativista foi instituído e regulado pela Lei Federal 5.764 de 1971 (Brasil, 1971), com ampla abrangência a setores da economia, destacando-se entre suas principais características a neutralidade política e a indiscriminação religiosa, racial e social. Mas, bem antes dessa regulação, documentos retratam a ocorrência dessa atividade ainda no período colonial, a partir de 1889, com a Cooperativa Econômica dos Funcionários Públicos de Ouro Preto, Minas Gerais, que tinha como principal finalidade a comercialização e consumo de



2nd International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

produtos agrícolas, seguida pela primeira cooperativa de crédito de Nova Petrópolis/RS, em 1902, e outras (Sistema OCB, 2020).

Com o crescimento da economia expande-se o cooperativismo de crédito no Brasil com a oferta de serviços financeiros aos seus associados, como argumenta Pinheiro (2008, p.7). As cooperativas de crédito apresentam uma característica singular, híbrida, por serem integrantes do sistema financeiro e ao mesmo tempo serem organizações da sociedade civil, do terceiro setor, comprometidas com a economia social, organizadas em 5 sistemas denominados por SICOOB, SICREDI, UNICRED, CECRED e CONFESOL. O movimento cooperativista, no segmento de crédito, é inspirado em ideias europeias, como o modelo Luzzatti de 1865 na Itália, e mais tarde na experiência Canadense de 1900 (Meinen e Port, 2014).

3. CONTEXTO REGULATÓRIO E DESEMPENHO DAS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS NO BRASIL

O ambiente regulatório das instituições financeiras no Brasil, para cooperativas de crédito e bancos, é de responsabilidade do Banco Central (BACEN) e em práticas de mercado, no que couber, da Comissão de Valores Mobiliários (CVM). A tipologia para as cooperativas de crédito segue a finalidade do crédito, mas para os bancos ela é assumida como banco comercial, banco de investimento e banco múltiplo. As cooperativas de crédito, no contexto da economia social, assistem seus cooperados, enquanto os bancos atendem ao público em geral.

Os bancos, como principais integrantes do sistema financeiro, ao longo de décadas, operam com dinamismo e desempenho, promovem processos de fusão e aquisição e oferta de crédito. As cooperativas por serem instituições com menores estruturas e menos complexas do que os bancos, são focadas no seu público de cooperados.

O ambiente regulatório, com permissão da legislação tributária, diferencia benefícios concedidos e restrições às cooperativas de crédito com relação aos bancos. Um relevante benefício concedido às cooperativas, e não aos bancos, é a desoneração do tributo direto sobre as sobras econômicas ou lucros, oriundos dos atos cooperados. Uma restrição às cooperativas, e não aos bancos, é não distribuir lucros ou sobras econômicas aos cooperados. O lucro ou sobra econômica auferido por uma cooperativa de crédito é de todos os cooperados (lucro retido), enquanto que o lucro de um banco é normalmente disponibilizado aos acionistas seguindo critérios estabelecidos.

Outra diferença é o relacionamento com os correntistas. Os correntistas de uma cooperativa de crédito, diferentemente de um banco, são seus próprios associados. Por isso, o custo do dinheiro em uma cooperativa de crédito é, em geral, menor do que em um banco.

A diferença de relacionamento com clientes é relevante para o desempenho desses dois segmentos de negócios. As cooperativas de crédito buscam maximizar a eficiência na prestação de serviço pois o cooperado é ao mesmo tomador e fornecedor de fundos e beneficiário do desempenho institucional, como aborda De Souza e Schmidt (2019), porque ele, o cooperado, é o proprietário dos lucros.

Ferreira, Gonçalves e Braga (2007) analisaram o desempenho das cooperativas de crédito mineiras por meio da otimização de recursos, utilizando a análise envoltória de dados



(DEA). O resultado da análise sinalizou que o maior impacto no desempenho das cooperativas é a geração de renda, pois quanto maior a capacidade da cooperativa de gerar receita da intermediação financeira maior é o desempenho como um processo de alavancagem operacional.

Pina (2012) desenvolveu estudo comparando bancos com cooperativas de crédito utilizando indicadores de rentabilidade. Declara que os resultados do estudo sinalizam que as cooperativas de crédito mostraram-se mais resilientes do que os bancos porque criam emprego direto e indireto com impacto na geração do produto interno bruto, desenvolvendo áreas rurais por meio do crédito agrícola, estudo que encontra eco na pesquisa desenvolvida Cordeiro, F.A.; Bressan, V.G.F.; Lamounier, W.M. e Barros, L.A.B.C. (2018).

A contribuição aportada por este artigo diferencia-se das anteriores porque o foco está centrado na análise do desempenho dos segmentos *Cooperativa de Crédito e Bancos*, de forma comparativa, por meio dos indicadores de produtividade e desempenho, como já declarado, que sustentam a motivação e o objetivo da pesquisa.

4. O COOPETATIVISMO NO CONTEXTO DA DEMOCRATIZAÇÃO DO CAPITALISMO

Abordando o relacionamento do cooperativismo com a democracia, Ratner (2009) sustenta que o cooperativismo, no processo de cisão coletiva, implica a democracia e que o cooperativismo é base para a democracia mais do que a democracia é base para o cooperativismo, isto porque o cooperativismo é uma plataforma política que alcança resultados mais fortes do que a democracia o faz.

Zygmuntowski (2018) analisa o cooperativismo e a democracia sob o ângulo da tecnologia. Comenta que a teoria do capitalismo cognitivo e seus argumentos são explorados para produzir uma compreensão holística e compreender o valor dos aparatos tecnológicos mas não são uniformes, enquanto o cooperativismo de plataforma é a proposta de contra-ataque igualitário e sustentável de longo prazo porque visa projetar novas ferramentas em linha com o paradigma dos bens comuns.

Paranque e Willmott (2014) avaliam um estudo de caso da estrutura de governança de uma firma de varejo no contexto do cooperativismo no Reino Unido. Nesse estudo destacam o interesse de um grupo funcionários que deseja recuperar o capitalismo e de outro grupo que deseja transformá-lo. Concluem que foram estimulados a examinar os elementos do cooperativismo com respeito ao controle democrático dos seus membros, da participação econômica, da autonomia e independência como uma forma de alto desempenho.

Outros estudos que abordam o cooperativismo como uma alternativa de democratização do capitalismo fazem comparações com ideais socialistas marxistas, como a leitura feita por Gasper (2021) a ensaios de outros autores. A abordagem de pesquisa do presente artigo não se alinha com essas ideais citadas. A construção da ideia do Cooperativismo como uma das alternativas de democratização do capitalismo foca na distribuição dos benefícios da atividade desenvolvida, no sistema cooperativista, aos seus próprios cooperados que podem ter acesso a bens de consumo, serviço e crédito a preços menores e que ainda assim maximizam os



benefícios. No contexto desta discussão o cooperativismo é parte integrante do capitalismo, dele não se dissocia, e portanto, não adere a ideias separatistas.

5. METODOLOGIA

A metodologia utilizada é positivista e não-paramétrica, definida por equações que mensuram a produtividade e o desempenho das instituições financeiras (IF), divididas em dois segmentos: *Cooperativas de Crédito* (S_1) e *Bancos* (S_2), que integram o sistema financeiro do Brasil, com foco nas transações por cliente, por operação e por setor.

As equações do modelo mensuram a produtividade por cliente (PC), produtividade por operação (PO), produtividade setorial (PS), desempenho setorial (DS) e desempenho intersetorial (DI).

As variáveis utilizadas para especificar as equações são: receita de intermediação financeira (RI), quantidade total de clientes (QC), quantidade total de operações (QO), lucro líquido (LL) e ativo total (AT). São utilizados os subscritos i , s e t que representam, respectivamente, o número de instituições, o número de setores e as unidades de tempo, de forma que [$i \in (1, \dots, I)$; $s \in (1, \dots, S)$ e $t \in (1, \dots, T)$]

5.1 Produtividade por Cliente (PC)

PC é o quociente que mensura a contribuição de cada cliente no total da receita de intermediação financeira. Em média, quanto maior for o quociente mais produtivo é o cliente para a **IF**.

$$PC_{sit} = \frac{RI_{sit}}{QC_{sit}} > 0 \quad (1)$$

5.2 Produtividade por Operação (PO)

O quociente **PO** sinaliza a contribuição de cada operação no total da receita de intermediação financeira. Cada operação representa uma transação que será tão mais produtiva quanto maior for o quociente.

$$PO_{sit} = \frac{RI_{sit}}{QO_{sit}} > 0 \quad (2)$$

5.3 Produtividade Setorial (PS)

PS é um número que mede a relação entre a produtividade por cliente e a produtividade por operação, em cada segmento s do sistema financeiro. Esta relação, em termos comparativos, sinaliza qual a transação que mais contribui para a produtividade da **IF**, se por cliente ou por operação.

$$PS_{sit} = \frac{PC_{sit}}{PO_{sit}} = \frac{\frac{RI_{sit}}{QC_{sit}}}{\frac{RI_{sit}}{QO_{sit}}} = \frac{RI_{sit}}{QC_{sit}} * \frac{QO_{sit}}{RI_{sit}} = \frac{QO_{sit}}{QC_{sit}}; QC_{sit} > 0 \quad (3)$$



Métricas do modelo PS

$$PS = \begin{cases} < 1 \Rightarrow \text{produtividade por cliente é menos representativa} \\ 1 \Rightarrow \text{produtividade por cliente e por operação são equivalentes} \\ > 1 \Rightarrow \text{produtividade por cliente é maior do que por operação} \end{cases}$$

Adicionalmente, o *quantum* do PS exhibe a direção da política da **IF** em investir mais/menos em cliente/transação ou, o contrário, mais/menos em transação/cliente. A magnitude do referido *quantum* sinaliza qual das linhas de negócio aporta maior produtividade e maior desempenho para a **IF**. Assim, para **PS** maior que 1, necessariamente **PC** é maior do que **PO** e **QO** é maior que **QC**. Caso contrário, ou **PS** é igual ou menor do que 1.

5.4 Desempenho setorial (DS)

O coeficiente **DS** mede o retorno médio do investimento total por segmento (S_i) em cada unidade do horizonte de tempo.

$$DS_{st} = \frac{1}{I} \sum_{i=1}^I LL_{sit} * \frac{1}{AT_{sit}} \quad (4)$$

As respostas da equação segregam os *quanta* do coeficiente **DS** por segmento de negócio s (1 ou 2), no horizonte de tempo, para a comparação intersetorial.

5.5 Desempenho Intersetorial (DI)

DI é o coeficiente que compara o desempenho entre dois segmentos s ou setores da indústria financeira, fixando um segmento como referência e variando o outro, em um horizonte de tempo. Assim o **DI** é o resultado da multiplicação do **DS** do setor de referência pelo inverso do **DS** do outro setor.

$$DI_t = \frac{\frac{1}{I} \sum_{i=1}^I \frac{LL_{s1it}}{AT_{s1it}}}{\frac{1}{I} \sum_{i=1}^I \frac{LL_{s2it}}{AT_{s2it}}} = \frac{1}{I} \sum_{i=1}^I \frac{LL_{s1it}}{AT_{s1it}} * \frac{1}{I} \sum_{i=1}^I \frac{AT_{s2it}}{LL_{s2it}} = \frac{1}{I} \sum_{i=1}^I \frac{LL_{s1it}}{LL_{s2it}} * \frac{1}{I} \sum_{i=1}^I \frac{AT_{s2it}}{AT_{s1it}} \quad (5)$$

Métricas do modelo DI

$$DI = \begin{cases} < 1 \Rightarrow \text{o segmento 1 tem menor desempenho do que o segmento 2} \\ 1 \Rightarrow \text{os segmentos 1 e 2 tem desempenho equivalente} \\ > 1 \Rightarrow \text{o segmento 1 tem maior desempenho do que o segmento 2} \end{cases}$$

5.6 Conclusões do modelo

As métricas do modelo, tudo o mais constante, refletem a combinação setorial da produtividade, por cliente e por operação, na geração de receita (5.1; 5.2 e 5.3), bem como a combinação intersetorial do desempenho medido pelo retorno do ativo (5.4 e 5.5). Com estas métricas, a sinalização do modelo é de que para **PS**, **DI** > 1 há uma robusta sinalização de democratização do Capitalismo pelo *Cooperativismo*.



6. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados apresentados nesta seção são obtidos com uso do modelo especificado na seção de metodologia. Os dados primários da amostra foram extraídos das demonstrações financeiras padronizadas, disponibilizadas pelo Banco Central do Brasil (www3.bcb.gov.br/efddata/index.html), das 50 maiores cooperativas de crédito (IF.Data TI igual a 9) e dos 50 maiores bancos (IF.Data TI de 1 a 8), por critério de maior valor total do ativo, no horizonte 2014 a 2018, por trimestre. A base de classificação, por ordem decrescente de valor total do ativo, é a referenciada no último trimestre de 2018. A amostra representa 28,5% dos ativos do segmento *Cooperativas de Crédito* e 89,2% do segmento *Bancos*.

6.1 Análise da produtividade setorial (PS)

A produtividade setorial, como mostra o modelo (Eq. 3), é uma combinação da produtividade por cliente com a produtividade por operação. A Tabela 1, exibe os estimadores das estatísticas descritivas das instituições financeiras distribuídas nos dois segmentos, *Cooperativas de Crédito* (S_1) e *Bancos* (S_2), no horizonte de tempo.

A análise das respostas do modelo é feita com base nos primeiros momentos estatísticos, média e variância, sendo a análise da variância representada pelo Coeficiente de Variação (CV).

Segmento de negócio *Cooperativas de Crédito*. Como exibe a Tabela 1 (parte a), a produtividade das cooperativas de crédito (S_1) apresenta três relevantes características. A primeira dessas características, predominantemente, é que a produtividade por operação, em média, é maior do que a produtividade por cliente, em todo o horizonte de tempo (**Min** > **1**), que mostra a quantidade de operações maior do que a quantidade de clientes: mais de uma operação por cliente. A segunda característica é a proximidade do primeiro momento (média) com a mediana em que a média se coloca na parte superior da mediana. A terceira característica é a dispersão (representação do segundo momento) medida pelo coeficiente de variação (CV) orbitando abaixo de 0.5 desvio padrão da média como consequência da proximidade da média com a mediana, com exceção do segundo trimestre de 2014. Esta magnitude do CV sinaliza que a distribuição da produtividade, em termos médios, com 95% de confiança, tende ao padrão e sinaliza que as transações do setor *Cooperativas de Crédito* são voltadas para volume de operações dos atos cooperados.

Segmento de negócio *Bancos*. A *parte b* da Tabela 1 mostra os estimadores da produtividade setorial dos bancos. Diferentemente dos estimadores da *parte a* os bancos não apresentam padrão de produtividade setorial e exibem significativas variações do *quantum* do indicador no horizonte de tempo. Uma característica observada é que o primeiro momento (média) e a mediana são significativamente diferentes, estando a média colocada à direita da mediana em todo o horizonte de tempo. Como consequência dessa característica o CV (representação do segundo momento) também é significativamente maior do o CV do segmento *Cooperativas de Crédito*, com variação entre 2,0 a 5,29 desvios padrões da média que também é consequência do distanciamento entre *Min* e *Máx*. As respostas da pesquisa também revelam, assim como no segmento *Cooperativas de Crédito*, também com 95% de confiança, que a maior produtividade do segmento *Bancos* está concentrada no volume de operações.

Resumidamente, a distribuição da Tabela 1 sinaliza que esses dois setores da indústria financeira do Brasil são mais produtivos nas transações por operação, porque os *quanta* do



2nd International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

indicador de produtividade **PS** são maiores do que 1 em todo o horizonte de tempo e indicam que a produtividade do segmento de negócio *Bancos* é maior o a produtividade do segmento de negócio *Cooperativas de crédito*. Também em ambos os setores a média está localizada na parte superior da mediana, em todo o horizonte de tempo, o que sinaliza que a maior dispersão está concentrada na segunda parte da distribuição. Os dois setores divergem na dispersão média da produtividade, sendo o setor *Cooperativista* está concentrado, próximo à distribuição padronizada orbitando abaixo de $\frac{1}{2}$ desvio-padrão da média, enquanto que o setor *Bancos* é disperso evidenciando significativa heterogeneidade. Mas pela diversidade de negócios dos bancos, essa heterogeneidade é esperada, ainda que a comparação seja feita com a parte do microcrédito produtivo orientado (MPO), como já declarado na seção introdutória, que em tese mitigaria os efeitos da dispersão pela proximidade do negócio das cooperativas de crédito.

Tabela 1

Estimadores estatísticos do coeficiente de produtividade setorial (PS) das instituições financeiras no Brasil: Cooperativas de Crédito e Bancos – 2014:1 a 2018:4

Horizonte	Parte a: PS Cooperativas de Crédito (S1)						Parte b: PS Bancos múltiplos (S2)						
	Média	Mediana	CV	Min	Max	Obs	Média	Mediana	CV	Min	Max	Obs	
2014	T1	3,87	3,47	0,48	1,58	13,58	50	8,60	3,32	3,94	1,32	242,69	50
	T2	3,81	3,34	0,52	1,56	14,75	50	8,22	3,14	3,90	1,29	229,41	50
	T3	3,93	3,51	0,47	1,61	13,18	50	8,19	3,35	3,83	1,29	224,94	50
	T4	3,83	3,40	0,48	1,56	13,13	50	8,13	3,07	3,85	1,33	223,95	50
2015	T1	3,65	3,22	0,46	1,57	10,36	50	8,16	3,07	3,94	0	229,90	50
	T2	3,74	3,28	0,46	1,60	10,93	50	6,97	3,05	3,37	0,39	167,88	50
	T3	3,88	3,33	0,47	1,65	12,07	50	7,22	3,31	3,22	1,35	166,77	50
	T4	3,64	3,15	0,45	1,57	10,50	50	7,85	3,20	3,57	1,32	200,49	50
2016	T1	3,71	3,29	0,41	1,62	10,73	50	5,74	3,25	2,00	1,35	78,91	50
	T2	3,68	3,24	0,43	1,64	10,35	50	6,66	2,84	2,31	1,36	102,76	50
	T3	3,72	3,28	0,46	1,68	11,04	50	8,85	3,20	3,33	1,37	207,47	50
	T4	3,60	3,16	0,45	1,61	10,68	50	10,37	3,16	3,66	1,36	267,20	50
2017	T1	3,54	3,18	0,38	1,62	9,28	50	11,91	2,96	4,26	1,37	359,25	50
	T2	3,00	2,55	0,45	1,58	9,42	50	13,47	2,71	4,81	1,20	459,15	50
	T3	3,08	2,64	0,46	1,59	10,61	50	13,25	2,56	4,58	1,20	426,51	50
	T4	3,03	2,62	0,45	1,59	9,91	50	17,54	2,41	4,83	1,20	596,08	50
2018	T1	2,99	2,66	0,38	1,59	8,76	50	15,07	2,37	5,01	1,20	532,41	50
	T2	2,94	2,62	0,37	1,60	8,32	50	15,47	2,40	5,07	1,21	554,72	50
	T3	2,93	2,58	0,40	1,60	9,41	50	5,87	2,13	2,70	0,03	90,33	50
	T4	2,87	2,57	0,36	1,57	7,78	50	19,59	2,60	5,29	1,19	732,57	50

Fonte: autores. T=trimestre; CV=Coefficiente de Variação.

6.2 Análise do desempenho intersetorial (DI)



Os *quanta* do DI são calculados de acordo com a Equação 5, especificada na seção de metodologia, para revelar, comparativamente, qual dos dois setores, *Cooperativismo de Crédito* e *Bancos*, apresenta maior desempenho, em cada unidade do horizonte de tempo 2014 a 2018. Conforme especificação do modelo, o segmento de referência é representado pelas *Cooperativas de Crédito* ($s=1$) a ser comparado com o segmento *Bancos* ($s=2$).

Na Tabela 2, a célula de intersecção de cada linha com cada coluna, exhibe o coeficiente DI que representa o produto da combinação do retorno dos dois segmentos. O *quantum* do coeficiente DI, em cada trimestre, maior do que 1, sinaliza que o segmento *Cooperativas de Crédito* obteve maior desempenho do que o segmento de *Bancos*, em todas as unidades do horizonte temporal. Ainda que o segmento *Cooperativas de Crédito* apresente maior desempenho (rentabilidade) do que o segmento *Bancos*, a linha do tempo mostra que essa rentabilidade é decrescente, pois no primeiro semestre de 2014 ela era maior que onze vezes e no quatro trimestre de 2018, essa superioridade é um pouco maior que 3 vezes.

Tabela 2

Indicadores de Desempenho Intersetorial do segmento Cooperativas de Crédito com relação ao segmento Bancos - 2014 a 2018

Horizonte	Desempenho Intersetorial (DI)			
	T1	T2	T3	T4
2014	11,696	5,075	7,993	4,609
2015	6,010	7,159	3,747	3,236
2016	5,331	5,381	6,870	4,066
2017	8,291	5,079	9,232	5,990
2018	6,746	4,790	5,316	3,121

Fonte: Autores. T=trimestre.

6.3 Resumo da análise

As médias dos *quanta* do indicador de produtividade setorial exibidas na Tabela 1, mostram que a produtividade do segmento *Bancos* é superior à produtividade do segmento *Cooperativas de Crédito*, o que já se poderia esperar em função do maior volume de receita por operação. As médias dos *quanta* do indicador de desempenho intersetorial apresentadas na Tabela 2, são robustas em evidenciar que o desempenho do segmento de negócio *Cooperativas de Crédito* é superior ao desempenho do segmento de negócio *Bancos*.

Como o lema do Cooperativismo de Crédito é permitir acesso ao crédito e aos benefícios a ele associados, aos cooperados, a um custo menor do que o ofertado pelos Bancos, é natural que a produtividade também seja menor.

Mas o contraponto do desempenho do segmento *Cooperativas de Crédito* ser maior do que o do segmento *Bancos* é relevante porque sugere que há uma sinergia da combinação de menor estrutura operacional com a gestão participativa, sinalizando que o custo financeiro menor implica desempenho maior. Este binômio é significativo para a discussão de que o *Cooperativismo* é uma alternativa a ser avaliada para democratização do capitalismo.



7. CONCLUSÕES

A pesquisa discutida neste artigo utilizou metodologia positivista não-paramétrica para avaliar a produtividade e o desempenho dos segmentos de negócios *Cooperativas de Crédito* e *Bancos*, no horizonte de tempo 2014 a 2018, com base em uma amostra das 50 maiores cooperativas de crédito e dos 50 maiores bancos, pelo critério de valor do ativo, que representam, respectivamente, 28,5% e 89,2% dos ativos agregados de cada segmento, com objetivo de identificar qual o segmento mais produtivo e qual apresenta maior desempenho.

Os resultados sinalizam que, em ambos os segmentos de negócio, a maior produtividade vem do volume de operações e não do volume de clientes, e que a produtividade do segmento *Bancos* é maior do que a produtividade do segmento *Cooperativas de Crédito*, em função do *spread* dos bancos ser maior do que o *spread* das cooperativas de crédito.

Por outro lado, os resultados também aportam robustas evidências de que o desempenho do segmento *Cooperativas de Crédito* é maior do que o desempenho do segmento *Bancos*. Isto pode ser explicado em função da menor estrutura operacional das cooperativas comparativamente aos bancos, que produz um paradoxo de relação inversa entre produtividade e desempenho nos dois segmentos. Este paradoxo sugere que o *Cooperativismo* pode ser uma das alternativas para democratização do capitalismo, porque é obtido maior desempenho com menor produtividade, e ainda que o Cooperativismo é parte integrante e indissociável do capitalismo.

A despeito da pequena representatividade da amostra do segmento *Cooperativas de Crédito*, (28,5%) dos ativos agregados, esta limitação não prejudica os resultados da pesquisa porque a geografia atendida pelas Cooperativas Crédito é significativamente maior do que a geografia atendida pelo Bancos e isto mitiga os efeitos da diferença entre os percentuais de representatividade.

Por fim, pela importância da indústria financeira para o desenvolvimento da economia, e em função da diversidade de segmentos em que ela opera, estimula-se que pesquisa com maior abrangência possa explorar o modelo introduzido neste artigo, que é uma contribuição para a literatura, ao evidenciar a importância do *Cooperativismo de Crédito* e o paradoxo de inversão de produtividade e desempenho, assim como a alternativa de democratização do capitalismo.

REFERÊNCIAS

- BACEN-SNCC. (2018). **Panorama do Sistema nacional de credito cooperativo 2019**. Disponível em: <
https://www.bcb.gov.br/content/estabilidadefinanceira/coopcredpanorama/9_panorama_sncc_2018.pdf. Acesso em: 13/08/2021
- BACEN. (2018). **Relatório de Economia Bancária 2018**. Disponível em:
https://www.bcb.gov.br/content/publicacoes/publicacoes_docs/ra2018-versao-impressao.pdf. Acesso em 13.07.2021.
- BACEN. (2019). Estudos Especiais do Banco Central. Disponível em:
<https://www.bcb.gov.br/publicacoes/estudos especiais>. Acesso em: 13.07.2021.
- BACEN. **IF.data**. (2019). Disponível em: < <https://www3.bcb.gov.br/ifdata/index.html#!>>.



2nd International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

- Brasil. Congresso. Senado. **Lei nº 5.764, de 16 de dezembro de 1971**, art. 3°. Brasília. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/15764.htm >.
- Brasil. (1971). Lei 5.674 Política Nacional de Cooperativismo.
- Cace, Sorin; Arpinte, Daniel; Scoican, Nicoleta Andreia; Theotokatos, Harry; & Koumalatsou, Eleftheria. (2010). Social economy in Europe. Bucharest. Publishing House.
- Cordeiro, F.A.; Bressan, V.G.F.; Lamounier, W.M e Barros, L.A.B.C. (2018). Recessão econômica e o desempenho das cooperativas de crédito brasileiras. 56^o SOBER - Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Campinas.
- De Souza, Daniela Maria; Schmidt, Derli. (2020). **Comparativo de desempenho econômico-financeiro e social entre cooperativas de crédito e bancos comerciais privados não cooperativos**. Revista eletrônica de Ciências Contábeis, v. 9, n.2, Rio Grande do Sul.
- Escher, Magno Jaco. (2013). **Diferenças entre cooperativas de crédito e bancos comerciais**. Dissertação (Graduação em Direito) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul.
- Ferreira, M. A. M., Gonçalves, R. M. L. e Braga, M. J. (2007). Investigação do desempenho das cooperativas de crédito de Minas Gerais por meio da Análise Envoltória de Dados (DEA), Economia Aplicada, v. 11 n. 3, pp. 425-445. doi: 10.1590/S1413-80502007000300006.
- Gasper, Phil. (2021). Are workers' cooperatives the alternative to capitalism? Co-ops show that workers can run production, but they don't offer a strategy for changing society. International Socialist Review (ISTR), nr. 93. Disponível em: <https://isreview.org/issue/93/are-workers-cooperatives-alternative-capitalism/index.html>. Acesso em: 08.11.2021.
- ICA - International Cooperative Alliance. (2020). MundoCoop. Disponível em: < <https://www.mundocoop.com.br/destaque/aci-alianca-cooperativa-internacional-completa-125-anos.html>. Acesso em: 10/07/2021.
- ICA. International Cooperative Alliance. (2020). Our History. Disponível em: <https://www.ica.coop/en/cooperatives/history-cooperative-movement> Acesso em 10/07/2021.
- Meinen, Ênio & Port, Marcio. (2014). Cooperativismo Financeiro: Percurso histórico, perspectivas e desafios. Brasília, Confabras.
- Paranque, Bernard and Willmott, Hugh. (2014). Cooperatives—saviours or gravediggers of capitalism? Critical performativity and the John Lewis Partnership. Organization, Vol. 21 Nr. 5 – pp. 604–625. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.1019.1407&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 08.11.2021.
- Pina, Licínio Manuel Prata. (2012). A eficiência nas caixas de crédito agrícola mútuo. Instituto Universitário de Lisboa. Dissertação de mestrado. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/6273/1/TESE_FINAL_LP.pdf. Acesso em 14.07.2021



2nd International Conference of the Third Sector

Management and Accounting Issues

- Pinheiro, Marcos Antonio Henrique. (2008). **Cooperativas de Crédito: História da evolução normativa no Brasil**. 6. ed. Brasília: BCB.
- Polônio, Wilson Alves. (2004). **Manual das Sociedades Cooperativas**. 4. ed. São Paulo: Atlas.
- Ratner, Carl. (2009). Cooperativism: A Social, Economic, and Political Alternative to Capitalism. *Capitalism Nature Socialism*. V. 20, Nr. 2.
- Sistema OCB. (2020). História do Cooperativismo. Disponível em <http://novo.ocbes.coop.br/paginas.asp?page=1780&t=historia-do-cooperativismo>. Acesso em 10.07.2021.
- Zygmuntowski, Jan J. (2018). Commoning in the Digital Era: Platform Cooperativism as a Counter to Cognitive Capitalism. *Praktyka Teoretyczna*. v. 1, nr. 27 DOI: 10.14746. Disponível em: www.praktykateoretyczna.pl. acesso em 08.11.2021.